

POR UM FIO DE CABELLO...

Naquelles tres primeiros dias da organização da Republica ha um episodio pequenino, muito pequenino, mas de tal grandeza e de tal vibração dramaticas na sua minucia culminante que, pode-se dizer, delle esteve dependendo por um momnto, suspenso por um fio de cabello, a vida do regimen que se inaugurava.

E' o episodio, ou melhor, uma minucia do episodio do embarque do Imperador.

Ao caír da noite de 16 de novembro de 89, o ministerio republicano percebeu que, as vinte e quatro horas impostas a Pedro II para retirar-se do territorio brasileiro, eram um espaço de tempo muito longo, em vista das aperturas do governo provisorio.

Os horizontes annuviavam-se. Aquellas facilidades surpreendentes da manhã anterior degeneravam agora em perturbações assustadoras.

A cidade, saída do inesperado do dia 15, parece que caía em si e começava a reflectir sobre o grande choque da vespera. As ruas estavam cheias de boatos. Dizia-

se que os partidarios do throno, apanhados de surpresa, pensavam numa reacção e numa desforra immediatas.

As coisas não iam muito sorridentes como parecera á primeira vista. Aqui, acolá, havia arruaças e agitações de rua.

Na Marinha, as nuvens eram carregadas. Em muitos navios não se arriara ainda a bandeira do imperio. A maruja, que desembarcava, vinha disposta a brigar com os soldados republicanos. Murmurava-se desde o entardecer que o almirante Jaceguay colligava, entre os marinheiros, elementos para a contra-revolução.

Na Bahia, o marechal Hermes, irmão mais velho de Deodoro, recebera hostilmente a Republica. Queria apenas a quédá do gabinete Ouro Preto. O ministerio, organizado na vespera, tinha insinuado a prisão do irmão do proclamador, mas Deodoro recusara-se rigorosamente a magoar a velhice do seu parente.

Se aquelles antolhos fossem apparecendo o trabalho da organização do governo seria penosissimo.

O remedio era embarcar immediatamente o Imperador, antes que as reacções se formassem, antes que explodisse a tempestade desenhada.

O embarque estava annuciado para o dia seguinte, mas, feito de dia, como no primeiro momento se determinara, era de uma inconveniencia desastrada.

Todo o mundo sabia da popularidade de Pedro II. Depois de 13 de maio a princeza Isabel era tambem um dos grandes idolos do povo. E a população, bestificada como recebera a Republica, assistiria ao embarque da familia imperial?

Podia ser que sim, podia ser que não. Era mais provavel que não.

O governo republicano seria obrigado a reagir energeticamente, violentamente, se é que pudesse conter o embate de uma reacção popular em defesa do monarcha querido.

E seria um desastre inaugurar-se o governo republicano á pata de cavallo e á carabina.

A unica solução ali era fazer-se o embarque pela calada da noite, quando a cidade dormisse, longe dos olhos facilmente emocionaveis do povo.

E o Imperador estaria disposto a embarcar á hora incommoda que o governo provisorio exigia? Depois dos boatos de que os elementos monarchistas preparavam a desforra, quereria elle embarcar?

O governo temia.

Era mais de meia-noite, e o ministerio, reunido no quartel general do Campo de Sant'Anna, não tinha encontrado ainda uma saída para a entaladela.

Um alvitre foi lembrado e acceito. Prender-se-ia o conde d'Eu.

O marido da Redemptora ficaria como refem, até que a familia imperial chegasse á Europa.

Assim, temendo medidas de represalias contra seu genro, d. Pedro certamente obedeceria ás determinações do governo provisorio.

Mas o alvitre foi afastado minutos depois. O ministerio teve informações seguras de que os monarchas des-thronados não pensavam em contrariar o novo regimen.

O tenente-coronel Mallet é escolhido para ir ao paço

exigir da família imperial o embarque antes do amanhecer de 17. Talvez tivesse sido a missão mais penosa e mais dolorosa daquelles primeiros dias republicanos.

A scena, como a descreve Tobias Monteiro, é de uma emoção que corta a alma. E' ali no casarão onde está hoje a directoria dos Telegraphos. D. Pedro é acordado pouco antes das duas da madrugada. No grande salão do paço esperam-no, além do militar embaixador do governo provisório, o visconde da Penha, o general Miranda Reis, o principe d. Pedro Augusto, o conde d'Eu e a princeza Isabel.

O momento é de gelar os ossos. A Redemptora soluç a saudade da patria que vae deixar. Mallet tem um nó a apertar-lhe a garganta.

Lá fóra ouvem-se tropéis de cavallos, um ou outro brado das sentinellas espalhadas pela praça. A noite está negra e carregada de nuvens. Ha prenuncios de chuva proxima.

Os soluços da princeza cortam, de quando em quando, o silencio dramático do salão. Faltam apenas d. Pedro e a Imperatriz.

Ouvem-se passos. Voltam-se todos. E' a figura austera e magnifica do Imperador.

As suas barbas brancas parecem cem annos mais velhas. Vem de sobrecasaca preta e chapéu na mão.

O dialogo entre o monarcha e o coronel republicano é rapido e nervoso.

Então elle será algum preto fugido, para ser obrigado a embarcar áquella hora da noite?

O militar não sabe o que responder.

Chega o momento da partida. Mallet tem as mãos geladas, uma inquietação atroz no peito. E' necessario apressar o embarque e nem o imperador, nem a imperatriz, nem a princeza, ninguem se sente com animo de fazer um movimento para deixar o palacio.

E' por interferencia do conde d'Eu, o unico calmo naquillo tudo, que se dão os primeiros passos para descer as escadas. Todos se movem como que arrastados, como que puxados por um guindaste, porque nenhum delles, no momento, tinha pernas para andar.

No cáes, uma lancha do Arsenal de Guerra os espera, arfando e fumegando.

A familia imperial embarca.

Embarcam o marquez de Tamandaré, conde de Motta Maia com a familia, tres damas, os camaristas José Calmont e o conde de Aljézur, Mallet e o capitão-tenente Serrano, que vae commandar o "Parnahyba".

A helice levanta uma onda de espuma que brilha á claridade da luz do cáes. E a lancha, a trepidar, some-se na escuridão da noite horrenda, fumegando...

Não se sabe bem onde está ancorado o "Parnahyba" que, no outro dia, levará os imperadores para bordo do "Alagôas".

A urgencia do embarque não permittiu informações seguras.

E a lancha anda pela bahia aqui, acolá, á procura do navio.

A noite é cada vez mais negra e mais pesada. Chove. Quasi não se enxerga nada diante dos olhos. Os pharolins dos barcos parecem envoltos num véo de bruma.

Chega-se a um navio, chega-se a outro, indagando do "Parnahyba".

Só Mallet e Serrano sabem do perigo que se está correndo. Muitos dos vasos de guerra estão ainda leaes ao throno..... Seria com a maior facilidade que a maruja se apossaria da lancha, impedindo a partida dos monarchas.

Encosta-se afinal ao "Parnahyba". A bordo ninguém sabe das resoluções do governo republicano. Só muito tempo depois, depois de longas explicações, a escada é arriada.

A noite continua como breu. Um vento irritante sopra agora com violencia. O mar está revolto.

Ha uma difficuldade enorme em passar-se da lancha para o navio. A escada é vacillante e estreita. O unico lampeão que a alumia parece mais uma candeia de azeite.

Mallet pula para a escada afim de dar a mão ao Imperador. Começa o episodio alludido acima. A lancha espinoteia como um cabrito, ora batendo violentamente no costado do navio, ora recuando. D. Pedro tem a mão direita presa á mão de Mallet, ambos de braço estirado na meia sombra que o lampeão, em cima, consegue espalhar.

Basta um pequeno esforço, um pequeno impulso do monarcha, para que galgue a escada. Mas, o pobre velho, que soffreu muito naquellas vinte e quatro horas, não póde ter agilidades varonis. As suas pernas estão tremulas e fraquissimas.

Além disso ha uma tolda no começo dos primeiros

degrãos. A qualquer desvio, a qualquer impulso menos calculado, terá elle a cabeça esmagada de encontro á tolda. A situação é horrivel.

Mais de uma vez a mão do soberano soltou-se das mãos do coronel.

A lancha continua a pular nas vagas picadas. Agora o militar e o Imperador estão de novo de mãos seguras, apertadas. D. Pedro, já de alguma maneira acostumado áquella meia sombra, vae pular. Mas, nesse momento, a lancha, que os ganchos dos marinheiros procuram prender com desespero, afasta-se. O monarcha tem um pé á borda, bem á beirinha da lancha, e outro pé no ar.

Se soltar a mão de Mallet cairá irremediavelmente nas ondas. E aperta e comprime, com todas as forças que lhe restam, a dextra do coronel.

O instante é tragico. A lancha continúa a afastar-se, a afastar-se devagarinho, pulando.

Mallet percebe, num relance, a gravidade do momento. Se aquelle homem morrer, nunca, nunca jamais vencerá o paiz e o mundo de que não foi elle que o matou.

Toda gente dirá que aquillo nada mais foi do que uma cilada miseravelmente preparada pela Republica.

E, morto o Imperador daquella maneira, a Republica teria prestigio para impôr-se? Não seria o proprio povo a derribal-a na dôr profunda da morte do mais simples e mais querido dos imperantes?

E, durante momentos, durante segundos o novo regimen esteve suspenso nas mãos de Mallet. O Imperador era, naquelle instante, a propria Republica. Morto elle, estaria ella irremediavelmente perdida.

E a lancha continúa a afastar-se, a afastar-se. Mallet desce um degráo, mais outro, mais outro, sempre de braço no ar, os musculos retezos, num esforço supremo.

Vae consummar-se a tragedia. Um fio de cabello apenas, um nada.....

Mas o coronel desperta todas as energias restantes da sua vida, e vem puxando, puxando o braço do monarcha devagarinho, devagarinho. A lancha, agora ajudada pelas proprias aguas, vem cedendo, approximando-se.

Um marinheiro, que viu tudo e calculou a tragedia, desceu, juntando as suas forças ás forças de Mallet.

A lancha encostou. D. Pedro teve um impulso feliz e saltou na escada.

Não estava salva apenas uma vida preciosa para o paiz, mas muitas vidas, muitas, que a guerra civil de certo ceifaria.

Tudo estava salvo naquella instante tragico. Até a Republica.